

OESP
26/10/79

Museus

MUSEU LASAR SEGALL — Em exposição desenhos, óleos, gravuras, aquarelas, esculturas e instrumentos do ateliê de Lasar Segall. O museu realiza também, periodicamente, exposições de pintura brasileira, e mantém uma das mais completas bibliotecas de teatro, cinema, televisão, rádio e fotografia. Paralelamente, realiza sessões de cinema às sextas-feiras, às 21 horas; aos sábados, às 16 e 21 e aos domingos, às 16 horas. Aberto ao público às terças, quartas, quintas e domingos, das 14 e 30 às 18 e 30 horas, e às sextas e sábados, das 14 e 30 às 22 horas. Rua Afonso Celso, 380, Vila Mariana, próximo à Estação Santa Cruz do Metrô.

MUSEU DO PRESEPIO — Possui um acervo de presepio de vários Estados do Brasil e de quase todas as partes do mundo, além de quadros e peças raras, como lapinhas da Bahia, imagens policromadas e objetos folclóricos. Além da exposição permanente, o Museu do Presépio promove palestras, encontros, conferências e exposições de slides. De terças a domingos, das 13 às 17 horas, Parque do Ibirapuera.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO — Um dos mais ricos museus da América Latina, possui excelente coleção de pintura estrangeira e brasileira. A coleção de pintura estrangeira apresenta obras representativas do século XIII até o século XX. Destacando-se os nomes célebres de Tiziano, Bosh, Rembrandt, El Greco, Goya, Van Gogh, Gauguin, Renoir, na coleção estrangeira. Dos brasileiros destacam-se Visconti, Almeida Júnior, Anita Malfari e Portinari. O museu mantém ainda uma biblioteca especializada em diversas matérias, arquivos e fototeca. Aberto ao público de terça-feira a domingo, das 14 às 18 horas. Avenida Paulista, 1.578.

MUSEU CASA DO BANDEIRANTE — A casa, que guarda a tradição de quatro séculos, mostra os usos e costumes da época dos bandeirantes. Compõe-se de 12 cômodos, decorados de acordo com a época, onde estão expostos máquinas e móveis usados dos antigos paulistas. Abriga ainda uma capela, roca e teares. No exterior podem ser vistas em funcionamento algumas máquinas antigas que eram comuns nas fazendas paulistas: uma casa completa de farinha, moedores e moendas de cana. De terça-feira a domingo, das 11 às 17 e 30 horas. Praça Monteiro Lobato, 1.

MUSEU CASA DO SERTANISTA — O acervo reúne barcos, arcos, flechas, cocares, cerâmicas e enfeites indígenas; oratórios, imagens, alcaforde e artesanato de século XIX. Na Sala da Vovó há trabalhos de agulhas, rendas, xales, colchas e abrochados. O museu pretende divulgar tudo que se relaciona com a conquista do sertão brasileiro nos séculos XVII, XVIII e XIX e também a cultura indígena, exibindo material etnográfico referente a tribos brasileiras. Aberto de terça-feira a domingo, das 12h30 às 17h30 horas. Praça Paulo I, CAXINGUI.

MUSEU DO TELEFONE — Mostra a evolução dos telefones nos últimos 100 anos e exibe equipamentos modernos, componentes eletrônicos, um conjunto de fac-símiles e videofones que serão usados futuramente. O museu realiza também projeções de ciclorama (audiovisual de 360 graus) em que é descrita a evolução das telecomunicações. Aberto de terça a sexta-feira, das 9 às 19 horas, e aos sábados e domingos das 13 às 18 horas. Rua Martiniano de Carvalho, 851, Paraíso.

MUSEU DE ARTE MODERNA — Apresenta uma mostra parcial do acervo de pintura do museu, montado segundo temas e evolução de tendências, com sentido didático. As obras são de artistas contemporâneos — Volpi, Di Cavalcanti, Graciano, Carybé, Mabe, Aldemir Martins e outros —, apresentando um panorama da moderna arte brasileira. Aberto de terça a sexta, das 14 às 21 horas. Aos sábados e domingos das 14 às 18,30 horas. Parque do Ibirapuera (sob a marquise frente à Bienal).

MUSEU DA CASA BRASILEIRA — O acervo do museu reúne uma variedade de equipamentos da casa brasileira, diversos móveis de estilo maneirista (dom José, dom João V, dona Maria I e Império), como marquês, camas e cetros, além de peças de adorno ou de serviços de mesa, utensílios de cozinha, equipamentos para entidades ou grupos culturais, deverão ser marcadas com dez dias de antecedência. Aberto de terça-feira a domingo, das 13 às 17 horas, inclusive feriados. Avenida Faria Lima, 774.

MUSEU DO FOLCLORE — O museu expõe peças representativas de diversas manifestações, espantadas do povo brasileiro, como artesanato, máquinas e ferramentas, instrumentos musicais, indumentária, comida e bebida, casa, coiteira e atividade extrativista, religiões, festas e folguedos. Aberto de terça-feira a domingo, das 14 às 17 e 30 horas. Parque do Ibirapuera.

PINACOTECA DO ESTADO — Possui grande acervo de trabalho em pintura, escultura, gravura e desenho de artistas nacionais dos fins do século XIX, salas especiais e dedicadas a Pedro Alexandrino, Almeida Júnior e os integrantes do movimento modernista, além de um acervo de obras de Portinari. Aberto de terça-feira a domingo das 14 às 18 horas, exceto feriados. Avenida Tiradentes, 141.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA USP — O acervo do MAC oferece perspectiva das principais diretrizes da linguagem plástica do século XX. Ordenadas por tendências, as obras documentam desde aspectos do cubismo, futurismo, surrealismo, expressionismo e construtivismo, até dimensões mais recentes, além da op-arte do relacionamento arte-tecnologia. Na parte internacional, o museu apresenta telas de Picasso, Braque, Matisse, Modigliani, Kandinsky, Chagall, Miró e muitos outros, além de trabalhos de diversos expoentes da escultura



bienal-1

Primeira Bienal: espanto diante da vanguarda européia

Os acontecimentos sociais, políticos e artísticos da década de 50 marcaram profundamente as sociedades. O cinema americano mudou radicalmente o comportamento dos jovens com os filmes de Marlon Brando, James Dean e Elvis Presley. Era o tempo do rock, guitarra, blusão de couro, moto, tela panorâmica, cinemascópio e Marilyn Monroe. Já em Paris, a juventude frequentava os cafés do Quartier Latin e discutia o existencialismo sartriano, enquanto o cinema francês lançava Brigitte Bardot. A moda da Vespa e Lambretta vinha da Itália e se espalhava por todo o mundo.

No Brasil, certos fatos decisivos provocaram alterações na vida cultural e artística. Nessa década foi criada a primeira emissora de televisão no Brasil: a TV Tupi, canal 3. No entanto, o rádio era ainda a grande força dos meios de comunicação com seus programas de auditório. O rádiojornalismo tinha, no Repórter Esso, sua mais importante expressão.

O concretismo dominava a literatura brasileira. Nessa década Jorge Amado se desvinculava de suas preocupações sociais, acentuadas no Ciclo do Cacau e passava a escrever romances que atingiam o grande público. O cinema nacional produzia chanchadas e musical; Ankito, Zé Trindade e Mazaropi estavam no apogeu de suas carreiras. Para o teatro, os anos 50 são considerados os mais importantes de sua história: o TBC, a Escola de Arte Dramática, a formação dos grupos de Cacilda Becker, Tônia-Celi-Austran, Madalena Nichols e Maria Della Costa. No plano político, a morte de Getúlio Vargas e o projeto de Brasília são os acontecimentos marcantes. As artes plásticas não poderiam ficar à margem dessa efervescência cultural e rompem com os limites convencionais da pintura, desenho e escultura, e o que pode ser constatado é que a criação da Bienal deu início a uma nova etapa da arte brasileira.

Os únicos artistas vivos, premiados nessa Bienal, Aldemir Martins e Danilo Di Prete falam de suas experiências, vividas nos 66 dias que a mostra permaneceu no Triângulo: "O clima dos dias que antecederam a mostra pode ser comparado ao das vésperas da Copa do Mundo de 50. Era um clima de euforia, explica Aldemir Martins. A primeira delegação estrangeira a chegar a São Paulo foi a uruguaia. Eram 48 quadros de Pedro Figari, que foram desmontados por Al-

A 1ª Bienal Internacional de São Paulo, inaugurada no dia 20 de outubro de 1951, abriu um novo ciclo no desenvolvimento das artes plásticas no Brasil. Inspirada em salões europeus, especialmente a Bienal de Veneza, pela primeira vez o Brasil pôde ter contato com os trabalhos originais de Picasso, Leger, Magritte, Giacommetti, Max Ernest, De Kooning, Alexander Calder, Pollock, Morandi, Lipchitz e Henry Moore.

O idealizador da 1ª Bienal

foi o artista italiano Danilo Di Prete, recém-chegado da Europa, onde já havia participado das bienais de Kassel e Veneza. Desapontado com o estágio em que se encontrava a arte moderna no País, apresentou a Francisco Matarazzo Sobrinho uma proposta que transformaria a bucólica São Paulo num centro internacional de arte.

No Brasil, onde quase não havia museus, e o intercâmbio de arte era insipiente, os artistas enfrentavam a barreira do des-

conhecimento da arte pelo público. Segundo Aldemir Martins, um dos participantes da 1ª Bienal, alguns pais levavam seus filhos à Bienal apenas para que se divertissem. Era uma espécie de circo para as crianças.

A provinciana São Paulo de 1951, com seu milhão e meio de habitantes, cujo ritmo era imposto por padrões conservadores, talvez não estivesse preparada para receber os inovadores artistas e menos ainda para aceitar as suas ousadas propostas.

Basta dizer que havia um público matinal — quando a Bienal ainda estava fechada — para assistir à limpeza da escultura de Maria Martis — Mulher Nu — um dos escândalos da mostra.

A partir desta edição, serão apresentadas, numa série de cinco reportagens de Leonor Amarante, as tendências das Bienais de São Paulo e alterações dos comportamentos da arte que as mostras provocaram, da 1ª à 15ª que se inaugura no dia 2 de outubro.

A herança de um sistema arbitrário

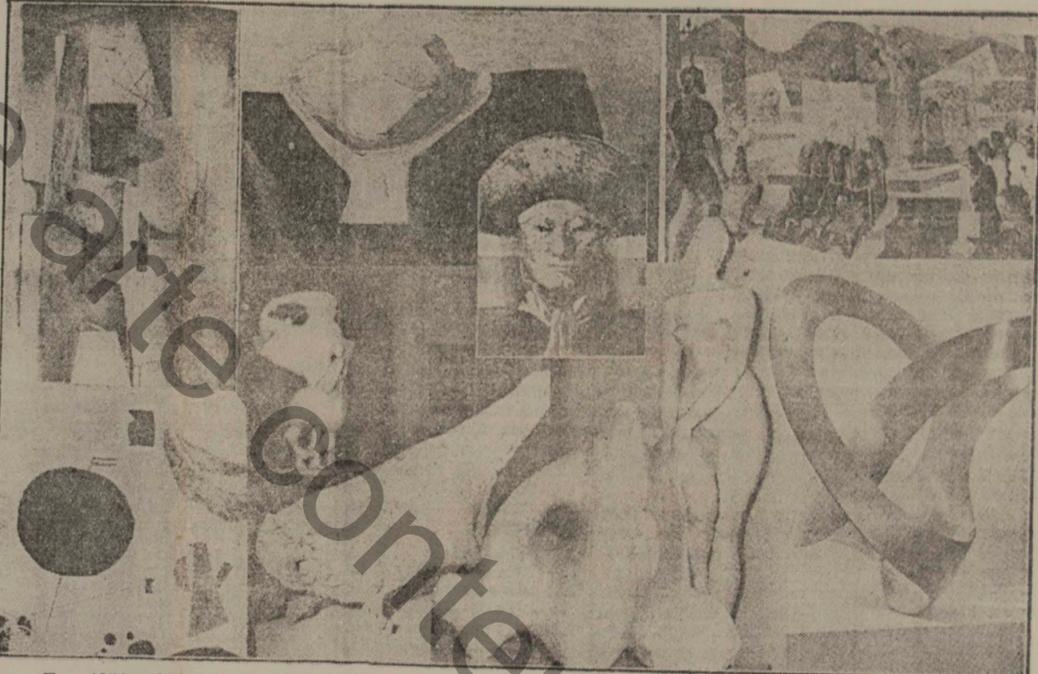
SHEILA LEIRNER

Se a XV Bienal de São Paulo não tiver outros méritos, pelo menos servirá para desmistificar de vez, do modo mais concreto possível, o sistema arbitrário de premiações que acompanhou desde a sua fundação.

Hoje, felizmente, já temos tempo suficiente para constatar que o indiscutível valor das partes internacionais da manifestação nunca foi medido pelas premiações. E que muito ao contrário, a sua maioria foi composta por mediocridades oficiais e pelo fruto de simples relações de amizade ou de troca.

Além disso, prevaleceram ainda o preconceito e o modismo como as diretrizes destas avaliações. Na época da primeira Bienal paulista, por exemplo, não se cogitava em tomar os Estados Unidos como um centro artístico independente e irradiador, ou o resto da América Latina como uma importante fonte de bens culturais. Apesar da enorme expressividade dos elementos de um e outro continente, era da Europa que os artistas já chegavam ganhadores. Era a Europa a única nascente onde se beber até a cultura oriental e africana já devidamente filtradas. Contudo, a Europa foi para os nossos anos 50 aquilo que os Estados Unidos foi para a nossa década seguinte. A mesma e provinciana razão de deslumbramento.

Ora, basta fazer um pouco de história e voltar à parte internacional da primeira Bienal de São Paulo, da qual se pretende falar no início desta série de artigos, para confirmar estes dados. O segmento estrangeiro daquela manifestação cumpriu perfeitamente seus objetivos, já com altíssimas qualificações. Atributos que, segundo os que a presenciaram, foram muito além das entusiásticas expectativas. Ela começou, efetivamente, a colocar-nos em contato com a arte feita no resto do mundo, ao mesmo tempo em que transformava esta cidade em mais um centro artístico mundial, talvez o maior da América Latina.



Em 1951, obras de Portinari, Chastel, Brecheret, Baumeister, Di Prete, Minguzzi e Max Bill

Num ambiente de festa da elegância

Para os organizadores, a I Bienal por sua própria definição deveria cumprir duas tarefas principais: colocar a arte moderna do Brasil, não em simples confronto, mas em vivo contato com arte de todo o mundo, ao mesmo tempo São Paulo tentaria conquistar a posição de grande centro artístico. Aldemir Martins considera que parte desses objetivos foram alcançados, "pelo menos nas primeiras mostras". "Quando comecei a viajar pelo Exterior pude sentir a força da Bienal. Era muito respeitada. Quando sabia que um artista era brasileiro, logo perguntavam por São Paulo e pela Bienal." Aldemir conta também que muita gente foi tratada a pão-de-ló em toda a Europa, usando uma cartelinha de membro da Bienal.

Danilo Di Prete também concorda e acrescenta: "A bienal não só colocou o artista brasileiro em contato com os mais importantes artistas. co-

tários e até governamentais. Sempre com a aprovação da imprensa que dava ao acontecimento uma conotação social acentuada, embora Di Prete a tenha considerado altamente cultural." Já Aldemir Martins vê essa acolhida como uma camaradagem, já que os empresários dos meios de comunicação pertenciam ao mesmo grupo social de Francisco Matarazzo. "Naquela época não havia críticos de arte, existiam apenas cronistas. Eles podiam divergir, mas o jornal estava sempre presente."

A tônica das matérias era social, ninguém questionava o papel da Bienal da sociedade. As manchetes de jornais e revistas eram bem ufanistas; algumas chegavam ao exagero: "São Paulo tem um encontro com o mundo", manchete de um jornal de São Paulo, ou então — "Nosso País é a sede, no momento da mais importante

dela era dedicada ao casal Yolanda e Francisco Matarazzo, considerado pela imprensa, o casal típico de São Paulo. No entanto, os cronistas esqueciam de mencionar que nem um por cento dos casais da capital paulista tinham as condições sociais dos Matarazzos.

Aldemir conta que, depois de ser premiado na I Bienal, houve um jantar na casa de Francisco Matarazzo, e ele não pôde entrar pelo elevador social, porque estava sem gravata. "Entrei pela cozinha, e cheguei junto com o primeiro prato. Fiz isso não por rebeldia, mas simplesmente porque não tinha gravata." Esses jantares, segundo a crônica local, eram também uma ótima oportunidade para as elegantes damas da sociedade exibirem seus trajes Dior, comprados em Paris. Embora a Bienal tenha sido realizada em outubro, como se nota da imagem

DO ESTADO — Possui grande acervo em pintura, escultura, gravura e artes nacionais dos fins do século XIX, especialmente e dedicadas a Pedro Alexandrino, Jânio e os integrantes do movimento modernista, além de um acervo de obras de Portinari, Alberto de Souza e de outros artistas. Aberto de terça-feira a domingo das 14 às 18 horas, exceto feriados. Avenida Tiradentes, 141.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA USP — O acervo do MAC oferece perspectiva das principais diretrizes da linguagem plástica do século XX. Ordenadas por tendências, as obras documentam desde aspectos do cubismo, futurismo, surrealismo, expressionismo e construtivismo, até dimensões mais recentes, além da op-arte do relacionamento arte-tecnologia. Na parte internacional, o museu apresenta telas de Picasso, Braque, Matisse, Modigliani, Kandinsky, Chagall, Miró e muitos outros, além de trabalhos de diversos expoentes da escultura e da gravura. A arte brasileira também está presente, desde obras dos modernistas aos principais artistas da atualidade. As obras são expostas, periodicamente, pelo sistema de rodízio. Pavilhão da Bienal, no Parque do Ibirapuera.

MUSEU DE ARTE SACRA DE SÃO PAULO — Em exposição mais de 1.500 peças, todas do século XVII e XVIII. No acervo estão os trabalhos de conhecidos artistas nacionais, especialistas em arte sacra, como Frei Agostinho de Jesus (pintor e escultor), Benedito Francisco Lisboa (o Aleijadinho, escultor), Benedito Calixto de Jesus (pintor), Oscar Pereira da Silva (pintor). Entre as principais peças, poderão ser vistas "O Cristo da Ressurreição", de madeira; "Santa Gertrudes", em barro; "Altar de Nossa Senhora da Luz", e várias outras. Na sala do Tesouro estão os objetos de ouro e prata, muitos dos quais incrustados de diamantes, brilhantes e outras pedras preciosas. Avenida Tiradentes, 676.



Setúbal, por João Calixto

Olavo Setúbal, um retrato

O ex-prefeito Olavo Setúbal será homenageado amanhã, às 18h30 horas, na Galeria Paulo Prado — R. Eng. Alcides Barbosa, 53 — ocasião em que será apresentado o retrato do político e empresário, elaborado pelo pintor João Calixto de Jesus. O quadro, que será destinado à Câmara Municipal, foi encomendado por um grupo de amigos de Setúbal a Calixto, expoente da escola hiper-realista, e neto do pintor Benedito Calixto.

etapa da arte brasileira.

Os únicos artistas vivos, premiados nessa Bienal, Aldemir Martins e Danilo Di Prete falam de suas experiências, vividas nos 66 dias que a mostra permaneceu no Planon: "O clima dos dias que antecederam a mostra pode ser comparado ao das vésperas da Copa do Mundo de 50. Era um clima de euforia, explica Aldemir Martins. A primeira delegação estrangeira a chegar a São Paulo foi a uruguaia. Eram 48 quadros de Pedro Figari, que foram desmontados por Aldemir, Sérgio Millet, Marcelle Grassmann e Lourival Gomes Machado, diretor artístico da Bienal. Até o diretor do Museu de Nova York, René D'Harnoncourt, ajudou a abrir caixas.

Para Aldemir Martins que trabalhou vários dias seguidos, comendo e descansando sobre calxotes, conta que só a emoção de tocar em obras de Picasso, Magritte, Léger, Morandi, valia todo o cansaço: "No Brasil não havia museus, por isso nós nos deslumbrávamos até com as embalagens muito bem feitas como as do Japão, que além de maravilhosamente executadas ainda vinham acompanhadas de instruções minuciosas de como deveria ser montado o trabalho. Os americanos eram tão perfeccionistas que mandavam junto com as gravuras, um polidor de acrílico, caso houvesse algum arranhão".

Esse deslumbramento, quase infantil, pois todos eram muito jovens, não atingia Danilo Di Prete, que já era considerado um "profissional" após haver participado das Bienais de Kassel e Veneza, além de vários outros salões europeus. "Quando cheguei ao Brasil em setembro de 1948, estava acostumado a grandes salões e a chegada das delegações estrangeiras não me impressionava". Di Prete, que foi o idealizador da Bienal, apelado por Francisco Matarazzo Sobrinho, explica como surgiu a idéia de criá-la: "O primeiro contato que tive com arte moderna brasileira foi através de uma exposição organizada pelo extinto Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo, onde fui acompanhado de Reboilo. Fiquei surpreso com o baixo nível das obras expostas, embora apenas não estivessem presentes os "monstros sagrados": Portinari, Segall e Di Cavalcanti. Quatro anos depois, Danilo Di Prete contribuiu para a formação do mais importante acontecimento dessa área.

Para o artista, a Semana de 22, não teve a mesma importância das bienais. "E eu pergunto: o que aconteceu nas artes plásticas de 22 a 51? Nada, apenas Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Di Cavalcanti se projetaram. E as bienais, quantos artistas já consagraram?

esses objetivos foram alcançados, "pelo menos nas primeiras mostras". "Quando comecei a viajar pelo Exterior pude sentir a força da Bienal. Era muito respeitada. Quando sabia que um artista era brasileiro, logo perguntavam por São Paulo e pela Bienal." Aldemir conta também que muita gente foi tratada a pá-de-ló em toda a Europa, usando uma cartelinha de membro da Bienal.

Danilo Di Prete também concorda e acrescenta: "A bienal não só colocou o artista brasileiro em contato com os mais importantes artistas, como também colaborou para que as artes plásticas entrassem definitivamente nos meios intelectuais, publici-

ção pertenciam ao mesmo grupo social de Francisco Matarazzo. "Naquela época não havia críticos de arte, existiam apenas cronistas. Eles podiam divergir, mas o jornal estava sempre presente."

A tônica das matérias era social, ninguém questionava o papel da Bienal da sociedade. As manchetes de jornais e revistas eram bem ufanistas; algumas chegavam ao exagero: "São Paulo tem um encontro com o mundo", manchete de um jornal de São Paulo, ou então — "Nosso País é a sede, no momento da mais importante Exposição de Arte viva do mundo", anunciava uma revista. Em cada matéria publicada, sessenta por cento



Aldemir Martins



Danilo Di Prete



Para facilitar, seção na Alfândega

Apesar das críticas, a definitiva implantação

A premiação da I Bienal causou polémica não só no Brasil como também em Paris. A revista francesa Arts, considerou o julgamento internacional um tanto duvidoso. No Brasil, ninguém perdoava o júri por ter conferido o prêmio de melhor pintor a Danilo Di Prete, que participava com Di Cavalcanti, Portinari e Segall. O artista italiano nascido em Pisa sofreu duras críticas por causa de seus quadros Os limões. "Foi uma experiência um tanto azeda", confessa Di Prete. "A minha candidatura foi feita pelo crítico argentino, Romero Brest, e a de Maria Leontina, por Sérgio Millet. Houve empate e o voto de Miverva foi dado por Sérgio Millet." A premiação levantou calorosos debates e inflamadas acusações pela imprensa. Depois da Bienal, Di Prete não conseguia vender seus quadros, o que o obrigou a ingressar na publicidade. Como publicitário teve um dos seus cartazes classificados entre os 24 escolhidos dos três mil enviados a Nova York para o concurso "História dos Cartazes", que reunia trabalhos executados entre 1930 e 1950, ano em que se realizou o

concurso com artistas do mundo inteiro. Participaram dessa mostra Picasso, Braque, Ugon e Carboni.

O prêmio de desenho conferido a Aldemir Martins foi recebido sem problemas, mas ele também tinha dificuldades para vender seus desenhos. "Para qualquer artista na época era muito difícil o mercado de arte", diz Aldemir.

O artista mais jovem da I Bienal era Caciporé Torres, filho do poeta Paulo Torres. Seus 21 anos contrapunham-se aos 62 de Lasar Segall, o mais velho. Caciporé incluiu seus estudos com Di Cavalcanti, contra a vontade do pai. Lasar Segall simultaneamente com a Bienal realizava uma retrospectiva de sua obra. A Bienal nesse ano prestou-lhe uma homenagem, incluindo-o entre os seus convidados de honra.

Apesar do brilho de festa social e apesar das premiações muito discutidas nos meios artísticos, de qualquer forma a I Bienal abriu as portas para o convívio internacional que ainda estava ausente no Brasil dos anos 50. Os próprios artistas, que criticam crité-

rios ou de organização ou de premiação, salientam, por outro lado, que o sucesso da II Bienal (uma mostra histórica que será abordada no próximo domingo, dentro desta série) foi decorrente do caminho aberto pela primeira.

Premiados

Os artistas brasileiros que receberam os prêmios oficiais da I Bienal foram: Brechêret, Aldemir Martins, Danilo Di Prete e Osvaldo Goeldi. Os prêmios aquisição foram concedidos a Maria Leontina, Marcelle Grassmann, Tarsila do Amaral, Heitor dos Prazeres, Ivã Serpa, Bruno Giorgi, Mário Cravo Neto e Geraldo de Barros.

A premiação internacional ficou com: Roger Chastel, Edoardo Pignon, Germaine Richier e Max Bill. Os prêmios de aquisição foram atribuídos a Willi Baumeister, Hans Uhlmann, N. Roszack, P. Clough, Robert Adam, Theore Roszack, P. Clough, Robert Adam, Theodore Roszak, Alberto Magnelli, Giuseppe Viviani e Prunella Clough.

confirmar estes dados. O segmento estrangeiro daquela manifestação cumpriu perfeitamente seus objetivos, já com altíssimas qualificações. Atributos que, segundo os que a presenciaram, foram muito além das entusiásticas expectativas. Ela começou, efetivamente, a colocar-nos em contato com a arte feita no resto do mundo, ao mesmo tempo em que transformava esta cidade em mais um centro artístico mundial, talvez o maior da América Latina.

Este alcance certamente deveu-se sobretudo à qualidade e à representatividade das vinte e uma delegações estrangeiras que aportaram em nosso País. Os contatos com a Bienal de Veneza, o Museu de Arte Moderna de Nova York e outras importantes instituições internacionais, para onde já haviam sido enviadas diversas representações nacionais, foram extremamente frutíferos.

Eram quase inquestionáveis os critérios de escolha das comissões internacionais para aquela mostra. Prevalencia, afinal, o clima eufórico e estimulante de um certame em que os prêmios eram pródigos e abundantes; e o espírito colonialista que aceitava ou rejeitava de vez, mas sempre com admiração, as conquistas vindas de fora. Se por um lado, todavia, estas características foram auxílio precioso para o sustento das bienais, a sua contestação por outro lado, começou a coincidir exatamente com a decadência recente destas mostras. E das exposições estrangeiras as quais se costumava qualificar com bons adjetivos generalizantes apenas uma parte resistiu ao balanço destes 28 anos.

Das estrelas internacionais premiadas, só uma teve o brilho duradouro, Max Bill, cuja obra persiste até hoje com a mesma vitalidade. As demais tornaram-se partes apagadas de enciclopédias, como Pignon, G. Richier, Roger Chastel, R. Adams, Magnelli, Roszack. E das outras nunca mais se ouviu falar, como Viviani, Clavocchi, Minguzzi, P. Clough.

No entanto, as verdadeiras estrelas passaram quase despercebidas e hoje talvez não poderíamos nem sonhar em reuni-las novamente. Surpreendentemente, tivemos aqui — só em 1951 — artistas como Kupka, Labisse, Uzac, Giacometti, Stuart Davis, Grosz, Hopper, de Kooning, Jacob Lawrence, Levine, John Marin, Georgia O'Keefe, Pollock, Rothko, Ben Shahn, Tanguy, Calder, Lipchitz, Noguchi, David Smith, Fontana e dezenas de outros. Mas ninguém lembrou-se de premiá-los.

**AS MELHORES CONDIÇÕES
E O MELHOR ATENDIMENTO**

PLANTÃO AOS SÁBADOS DAS 8 H E 30 MIN. ÀS 18 H E 30 MIN.

Você encontra na

Concessionária Chevrolet

Mesbla VEICULOS VENHA COMPROVAR!

Av. do Estado, 5138 • Cambuci • Tel.: 278-9922